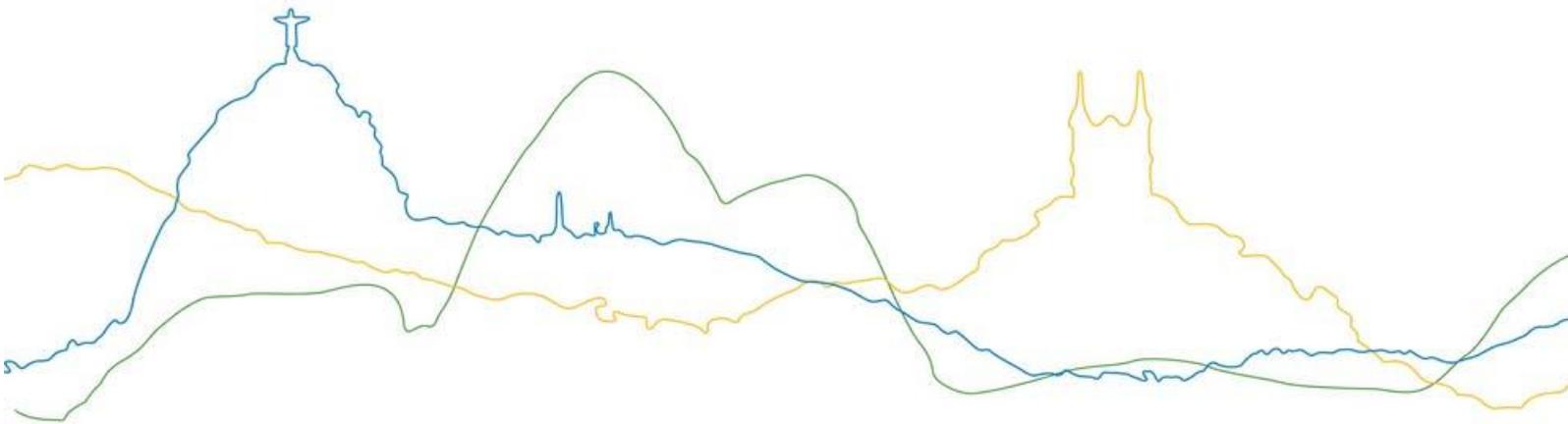




JMJ
Rio2013



ITINERÁRIO CATEQUÉTICO

Rumo à JMJ Rio2013

Catequese II

INTRODUÇÃO

VIDA DE SANTO ANTÓNIO DE SANT'ANA GALVÃO (1739-1822)

O primeiro santo canonizado do Brasil, o franciscano Frei António de Sant'Ana Galvão, nasceu em 1739 na então vila de Guaratinguetá no actual estado de S. Paulo. Seu pai era um conceituado imigrante português de Faro, que chegou a ser capitão-mór de Guaratinguetá. Dos 13 aos 17 anos frequentou o seminário dos jesuítas de Belém da Cachoeira na região da Baía. O pai desaconselhou-o, porém, de entrar na Companhia de Jesus devido à perseguição que o Marquês de Pombal lhe movia (e que veio a culminar na expulsão dos jesuítas de Portugal e Ultramar por lei de 3 de Setembro de 1759) e encaminhou-o para a Ordem Franciscana que tinha um convento em Taubaté, não longe de Guaratinguetá.

Assim, aos 21 anos o jovem Galvão foi admitido ao noviciado franciscano de Macacu, perto do Rio de Janeiro, onde professou a 16 de Abril de 1761. No ano seguinte, tendo em conta a sua boa índole e os estudos já efectuados, recebeu a ordenação sacerdotal. Depois os superiores enviaram-no ao convento de S. Francisco de S. Paulo para completar a formação filosófica e teológica e começar a exercitar-se no apostolado.

Terminados os estudos, Frei Galvão continuou em S. Paulo e foi nomeado pregador e confessor. Como salientou Bento XVI na homilia da canonização, ele foi “conselheiro afamado, pacificador de almas e de famílias, dispensador da caridade especialmente para com os pobres e enfermos” e “era muito procurado para confissões por ser zeloso, sábio e prudente”.

A sua operosidade apostólica, referiu também o Papa, era alimentada por uma vida espiritual intensa em que sobressaíam a adoração da Eucaristia e a piedade mariana com relevo, neste âmbito, para o acto de “entrega a Maria” como “filho e escravo perpétuo”, que assinou com o próprio sangue a 9 de Novembro de 1766. Este gesto devocional surpreendente foi praticado por outros defensores da Imaculada Conceição da Virgem nos dois séculos que precederam a definição desta doutrina como dogma de fé pelo Papa Pio IX em 1854.

Aos 30 anos Frei Galvão foi designado confessor do Recolhimento de Santa Teresa, uma casa de senhoras piedosas de S. Paulo. Empenhou-se neste apostolado durante meio século no plano espiritual e também como orientador de construções. Em 1774 abriu outro Recolhimento, o de Nossa Senhora da Luz, que depois ampliou devido ao aumento de vocações. As obras terminaram em 1802 com a inauguração da igreja. Em

1929 este Recolhimento foi convertido em Mosteiro de monjas concepcionistas. O seu conjunto arquitectónico foi declarado património cultural da humanidade pela UNESCO em 1998.

Muito requerido como conselheiro espiritual, Frei Galvão era também abordado em casos de doença ou de saúde periclitante. Um dia um rapaz acometido por violentas cólicas renais veio pedir-lhe alívio. O bondoso frade escreveu uma invocação a Nossa Senhora num pedaço de papel, enrolou este em forma de bolinha e deu-a ao paciente. As dores cessaram de imediato. Outras curas aconteceram com o mesmo “remédio”. Foi o início das chamadas “pílulas de Frei Galvão” que ainda hoje são preparadas e distribuídas no Mosteiro da Luz.

Frei Galvão faleceu a 23 de Dezembro de 1822, três meses depois da proclamação da independência do Brasil. O seu túmulo, na igreja do Recolhimento da Luz, logo se tornou lugar de peregrinação até aos nossos dias.

Foi beatificado por João Paulo II em Roma a 25 de Outubro de 1998 e canonizado por Bento XVI em S. Paulo a 11 de Maio de 2007 na sua primeira viagem apostólica ao Brasil.

D. António Montes (OFM)

O DISCÍPULO NASCE DA SIMPLICIDADE DO DIA-A-DIA

Ser simples é bem simples, mas não é nada fácil. E ser discípulo de Cristo é ainda mais simples, mas é deveras uma missão difícil. Esta simplicidade cristã é, para o discípulo, um ponto de chegada e nunca um ponto de partida.

Uma reflexão de Chateaubriand diz com muita clareza o valor alegre da simplicidade do coração: «a simplicidade vem do coração, a ingenuidade da natureza. Um homem simples é quase sempre um homem bom; um homem ingênuo pode ser também um patife. A ingenuidade é natural, pelo contrário, a simplicidade é uma arte que se conquista»¹. A simplicidade, isto é, a transparência e a sinceridade do coração transborda em cada verdadeiro e autêntico discípulo de Cristo.

No Livro dos Atos dos Apóstolos encontramos o estilo simples do seguimento: «todos participavam fielmente no ensino dos Apóstolos, na união fraterna, no partir do pão e nas orações. (...) Partiam o pão ora numa casa ora noutra e comiam juntos com alegria e simplicidade de coração»². Ser discípulo é querer orientar a vida pessoal e a vida comunitária por estes quatro pontos: 1. O ensino dos Apóstolos; 2. A comunhão; 3. A fração do pão; 4. A oração.

O próprio Jesus é quem nos convida à simplicidade e a olhar a vida como dom e vocação. Ele faz-nos um convite claro a imitarmos a mansidão e humildade do seu coração³, que o mesmo é dizer, o segredo da sua simplicidade. É ao nível do coração que se trabalha a simplicidade, pois é na nossa capacidade de aceitar o amor e de amar que reside o segredo do ser simples.

O nosso Deus é simples, tão simples que podemos correr o risco de nem O notar ou de nos sentir escandalizados perante Ele. Desde Belém ao Calvário e na Eucaristia, Deus choca-nos com a nudez e o despojamento com que se nos apresenta. E, incrivelmente, é esta a sua maior e mais radiosa beleza, é este o segredo que atrai o nosso olhar, é este o seu mais simples jeito de nos cativar. Como teríamos a ousadia de nos aproximar de um Deus complicado e distante, que nos abordasse com uma opulência esmagadora?

A liturgia, qual primeira escola da fé, mostra-nos o mistério todo de Cristo na nobre simplicidade e na clareza e brevidade dos ritos e das palavras. Uma liturgia simples é a experiência do mistério, permanecendo, ao mesmo tempo, inteligível e capaz de narrar a perene aliança de Deus com os homens. Tal simplicidade coloca-me diante de

¹ F-R. de CHATEAUBRIAND, poeta francês (1768-1848).

² At 2, 42; 46.

³ Cf. Mt 11, 29.

Deus, livre de roupagens e disfarces, ou seja, permitir que Ele me possa VER, para que me possa amar.

Mas se a simplicidade é a via para Deus se aproximar de nós, e de nós nos expormos perante o seu olhar, é também este o caminho que nos conduz no desafio permanente de ver o invisível. E ver Deus é a maior ambição do ser humano.

Na definição de felicidade, insistida na listagem das bem-aventuranças, encontramos um roteiro de simplicidade que nos conduz claramente à visão de Deus! E quando falamos em ver Deus não é propriamente num futuro dúbio e incerto, é no agora... na tal simplicidade do quotidiano, isto é, do dia a dia.

Em si, o dia a dia é simples, é aquela base que Deus nos estende, em que nos oferece o seu amor, como uma plataforma para caminharmos rumo a Ele. Na simplicidade, o discípulo consegue descortinar os traços de Deus, profusamente semeados nas maravilhas que o rodeiam, consegue espantar-se perante os inauditos milagres do seu amor, mesmo exibidos na banalidade e na rotina, centra-se no essencial, conserva o seu coração disponível para Deus e para os irmãos...e dá permanentemente um sentido ao devir.

Santo António de Santana Galvão ou Frei Galvão, que é reconhecido como “o homem da paz e da caridade”, é um exemplo bem ilustrativo dessa imagem do discípulo de Cristo que pauta a sua vida pela simplicidade.

Na homilia da celebração da canonização, em 11-05-2007, Bento XVI referia-se assim a este Santo: “Significativo é o exemplo de Frei Galvão pela sua disponibilidade para servir o povo sempre quando era solicitado. Conselheiro de fama, pacificador das almas e das famílias, dispensador da caridade especialmente dos pobres e dos enfermos.”

Seguidor de Francisco de Assis, santo no qual brilhou de modo ímpar a simplicidade evangélica, Frei Galvão soube traduzir na sua vida essa alegria permanente de saber-se amado por Deus e deixou que o seu coração fosse um manancial desse amor. Os seus gestos eram tradução do amor de Deus.

A simplicidade abre-nos o espaço da fraternidade, dá-nos a capacidade de nos descentrarmos de nós mesmos para visitar a circunstância do outro e peregrinar com ele.

A simplicidade confunde-se com a felicidade e com aquela beleza do coração que cada um de nós procura alcançar, quando se empenha em trabalhar o próprio interior. Khail Gibran refere que “a Simplicidade é o último degrau da sabedoria.”⁴, poderíamos acrescentar, da beleza. Os calculismos, as manobras, os disfarces são para os que temem, para os que não põem a sua confiança no Senhor. Porque o discípulo de Cristo não procura ludibriar a sua fragilidade, mas expõe-se pela oração e pela escuta da Palavra, ao jorro da sua luz. Deus não quer senão embelezar-nos, à imagem do seu

⁴Khail Gibran, filósofo e poeta libanês (1883-1931).



rosto. O verdadeiro crescimento do ser humano é aquele que tende alcançar a medida da estatura de Cristo na sua plenitude⁵.

Ser discípulo-missionário simples de Cristo não é a mesma coisa que ser mais um simples discípulo-missionário de Cristo. O discípulo simples de Cristo, é o que encontra no coração humilde e manso do seu mestre a inspiração para que os seus gestos e palavras mostrem a bela simplicidade de Deus na transmissão da fé.

*+ José Manuel Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda*

⁵ Cf. Ef 4, 13.

